

Para pensar algumas implicações metodológicas da forma acampamento da comunicação¹

Yasmin Gatto²

Elton Antunes³

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

RESUMO

O ATL, que levou à criação da APIB, é considerado o maior encontro indígena das Américas. Pode-se estar no ATL como ativista, jornalista, pesquisador e uma série de papéis cumpridos por sujeitos não indígenas que guardam relações diversas com o acampamento. Pretendemos neste texto examinar tal inserção no ATL como objeto de reflexão epistêmica e lugar de invenção metodológica para pesquisa dos fenômenos comunicacionais. Tomamos como referência questões que emergiram a partir de um trabalho de campo realizado durante o ATL 2024, parte de um estudo que vem sendo desenvolvido desde 2021.

PALAVRAS-CHAVE: Acampamento Terra Livre (ATL); Forma Acampamento da comunicação; Implicações Metodológicas; Movimento Indígena.

INTRODUÇÃO

Nossas biografias de pesquisadores certamente estão implicadas nos modos que escolhemos para conhecer o mundo. O Acampamento Terra Livre (ATL), que levou à criação da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) é considerado o maior encontro indígena das Américas e tem como objetivo principal reivindicar os direitos desses povos, fortalecer a luta pela demarcação de terras e promover a valorização das culturas indígenas. Com 20 anos completados em 2024, o ATL é um espaço de mobilização política e articulação entre as diferentes etnias indígenas, em que são

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT01NO Cidadania Comunicativa e Narrativas Emancipatórias, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, jornalista, mestre em Comunicação e professora de jornalismo. Pesquisadora financiada pelo CNPq. E-mail: yasminrgatto@gmail.com

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais, doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea pela UFBA. e-mail: eantunes@ufmg.br.

discutidas estratégias de resistência e fortalecimento das comunidades. Também tem como papel fortalecer as redes de solidariedade entre os povos indígenas e outras organizações da sociedade civil. O evento recebe a presença de diversas organizações não-governamentais, movimentos sociais e artistas que apoiam a luta dos povos indígenas e contribuem para a divulgação das suas demandas e reivindicações. Durante o evento, são realizadas assembleias, debates, manifestações culturais e atos públicos, que buscam chamar a atenção da sociedade e das autoridades para a situação dos povos indígenas no Brasil. Assim, além da produção de visibilidade, os acampamentos servem como espaços de construção de novas formas de organização social, onde as pessoas podem compartilhar suas experiências, trocar ideias e construir alianças.

Além de todos esses agentes e instituições, pode-se estar no ATL como ativista, jornalista, pesquisador e uma série de papéis cumpridos por sujeitos não indígenas que guardam relações diversas com o acampamento. Pretendemos neste texto examinar tal inserção no ATL como objeto de reflexão epistêmica e lugar de invenção metodológica para pesquisa dos fenômenos comunicacionais. Tomamos como referência questões que emergiram a partir de um trabalho de campo realizado durante o ATL 2024, parte de um estudo que vem sendo desenvolvido desde o ano de 2021. Levantamos a suposição de que o ATL se afigura também como expressão de uma “forma acampamento de comunicação” (GATTO; ANTUNES, 2023), capaz de indiciar maneiras como o pensamento indígena oferece perspectivas singulares para a compreensão dos processos comunicativos. Se a participação no Acampamento é incorporada em uma investigação científica como imersão ativa nos processos e práticas de mobilização indígena, é possível pensar que a maneira como o ATL se organiza no espaço e territorializa a comunicação aponta questões metodológicas específicas para se pensar a pesquisa de processos comunicacionais?

Nos alinhamos com abordagens de autores que exploram como o pensamento e as ontologias indígenas podem oferecer perspectivas peculiares para as pesquisas em comunicação (OLIVEIRA et al., 2021; LAIA, GUIMARÃES, 2022; MOURA, 2024; VIEIRA, 2024). Trata-se de discutir a importância das vozes e cosmologias indígenas e suas formas de comunicação, não apenas indicando que muitas vezes elas são marginalizadas pela mídia hegemônica. Devemos examinar suas implicações tais como o entendimento de comunicação para além das interações humanas, reconhecendo a

agência de entidades diversas, e a possibilidade de promoverem uma interação mais profunda entre diferentes formas de conhecimento, saberes e existência.

PARA ALÉM DE NOVOS QUADROS

Durante a realização do ATL, uma pesquisadora não apenas observou sem se implicar, mas pode participar ativamente com outros agentes na produção de textos, imagens e audiovisuais, manifestações, debates e discussões que compõem o evento. Tratou-se de uma participação metodologicamente incorporada na investigação, como uma imersão ativa nos processos e práticas de mobilização, tomando parte dos fluxos ativistas indígenas (FARIA E GOMES, 2021; 2025). Ao examinar tais processos, procuramos destacar dinâmicas não lineares, fluidas e conectivas que atravessam diferentes territórios e temporalidades. Eles mostram como estes fluxos ativistas se configuram em processos vivos, em constante transformação, que articulam afetos, narrativas e práticas políticas, envolvendo uma ecologia de relações que abrange o território físico, as plataformas digitais e formas ancestrais de comunicação, e que impõe uma condição de engajamento afetivo do pesquisador.

Participar do ATL implicou, então, interceptar em certo momento e lugar processos de comunicação feitos pelos indígenas que têm ganhado espaço, pondo em circulação outros enquadramentos que normalmente estão fora da chamada grande imprensa comercial, tensionando as narrativas, apresentando esses sujeitos sob outra ótica e, de certa forma, forçando, por exemplo, a cobertura jornalística hegemônica a não ignorá-los. Várias são as iniciativas comunicacionais indígenas, a exemplo: “Mídia Terena”, “Mídia Indígena”, “Uhiri - Associação Yanomami”, entre inúmeros outros coletivos, e “*influencers*” indígenas que surgem todos os dias e, no período do ATL, todas elas se “constelam” na comunicação articulada pela Associação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), reunindo representantes de todos os biomas do país.

Pensar no *acampamento como uma forma comunicacional* é discussão ampla e complexa. Mas, ao mesmo tempo, agrupa e projeta aquilo que não é necessariamente novidade e já aparece em várias pesquisas do campo comunicacional, em especial tratando do universo das etnomídias indígenas. No entanto, reitera uma reflexão necessária que perpassa questões essenciais como, por exemplo, as maneiras de acionar

valores e entendimentos outros para se pensar o ato de pesquisar comunicação no universo dos povos originários. Quando falamos da questão indígena, território e marco temporal não são apenas dados de um contexto sócio-político que não poderíamos deixar de mencionar. Tais dimensões são sobretudo aquilo mesmo que, no nosso caso, articula o ATL coletivamente e permite a emergência da luta indígena como vanguarda contra a catástrofe climática.

OUTRAS METODOLOGIAS POSSÍVEIS

Nesse sentido, do ponto de vista metodológico, pesquisar a comunicação indígena é pesquisar a comunicação *dos* povos originários e *com* os povos originários. Destacamos a partir daí alguns horizontes problemáticos para inferir questões metodológicas:

- Permanece importante a pesquisa das práticas comunicacionais desenvolvidas pelas mídias hegemônicas, sobretudo para deslindar mecanismos reiterados de apagamento e invisibilização dos povos indígenas, suas lutas e modos de existência. Mas tal investigação deve se valer de abordagens metodológicas que permitam situá-las em quadros interpretativos para além daqueles nos quais operam essas mesmas mídias. É fundamental refletir sobre modos de incluir nesse processo saberes das populações indígenas.
- Problematicar diferentes modalidades de fazer trabalho de campo pode permitir que os pesquisadores pensem de forma permanente a incorporação na pesquisa de maneiras de se lidar com a experiência comunicacional que integre múltiplas dimensões da existência, como no caso dos povos indígenas, possibilitando compreensões mais plurais e diversas dos processos comunicacionais.
- A experiência com formas de comunicação das populações indígenas, como as articuladas no acampamento, oferece indicações metodológicas para construir abordagens que incorporem a relação intrínseca entre comunicação e território e o pensar da comunicação como arranjos de práticas plurais e regimes múltiplos de significação.
- A forma acampamento, no caso particular dessa reflexão, permite ao pesquisador desarmar compreensões das práticas comunicacionais que as tomam como um pacote pronto e ressaltar o contato com uma pluralidade de modos de se relacionar com a comunicação.

Assim, no escopo da discussão realizada nesse texto, o acampamento, enquanto forma de comunicação, define sua existência para além do que é dito ali. Envolve, sim, interações com a imprensa, ativistas indígenas, jornalistas de diferentes partes do mundo e os mais diversos atores sociais. A “assembleia” dos povos indígenas em Brasília é sem dúvida um ato político que transforma o espaço em algo público, local de visibilidade, contestação, solidariedade e reivindicação de direitos. Mas também é um modo particular de reunir e articular problemáticas comunicacionais. Cada ação, cada atividade, cada discussão pode se desdobrar em relatos extensos. Cumpre destacar, porém, que aquilo que pudemos perceber foi uma mistura entre a sinalização de problemas específicos, de povos diversos da “nossa” sociedade, mas também heterogêneos entre si, com maneiras de compreensão que visam sempre refazer a todo momento o conjunto dos elementos.

Pensar metodologicamente a forma acampamento é pensar então que o fazer comunicacional que se funda, emerge e articula o ATL intercepta e põe em circulação mundos outros que se reportam com significações novas, diversas, histórica e socialmente marcadas, em diferendo com as práticas de pesquisa em comunicação com protocolos de investigação já estabelecidos de antemão ao ato de pesquisar.

CONSIDERAÇÕES

Por fim, pesquisar a forma acampamento é então admitir que o pesquisador toma parte de uma espécie de fórum, “[de] espaços e dos esforços de construção de presença nos quais (...) as formas do mundo hegemônico são subvertidas em favor do alargamento do político, do comunicacional, do epistêmico e da própria reinvenção das partes no plano existencial” (OLIVEIRA et al., 2021, p.9). Do ponto de vista metodológico reivindica-se que a pesquisa no campo é um processo de aprendizado sobre o próprio modo de fazer a pesquisa. Se o acampamento pode ser tomado como gerador de uma espécie de regime próprio de produção da comunicação, protocolos muito rígidos que buscam identificar “a comunicação indígena” têm pouca serventia. Em cada contexto será preciso ver o que significam coisas como trabalho com as formas da oralidade, formas horizontalizadas de comunicação, a comunicação como modo de resistência, por exemplo, como características próprias às diferentes culturas indígenas. Por isso, o aprendizado nessa pesquisa de campo significou perceber que a compreensão daquilo que os sujeitos fazem

implica lidar com processos de engajamento – suas possibilidades e limitações, como, por exemplo, a condição de pesquisadora, de não-indígena, das condições e negociações para acesso, do estabelecimento de relações possíveis com os diferentes e heterogêneos sujeitos presentes na situação.

O engajamento não é problema para a pesquisa, é sua condição mesma. É preciso enfatizar que para a gente continuar “aqui”, é preciso olhar com mais atenção para os ensinamentos e aprendizados daqueles que “sempre estiveram aqui” e que enfrentaram o fim do mundo ou a Queda do Céu diversas vezes em sua imensa solidão. Os povos tradicionais mostram nas ruas de Brasília como batalhar pelo comum e nos convidam, em um chamado coletivo, à lutar contra o povo da mercadoria e pensar em alternativas que implicam escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar (Krenak, 2020) de forma diferente.

REFERÊNCIAS

FARIAS, D. O. de; GOMES, I. M. Fluxos ativistas indígenas: instabilizando a hipótese da guerra cultural a partir de afetos, territorialidades e temporalidades no Brasil. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 277-308, 2021.

FARIAS, D. O.; GOMES, I. M. Demarcar telas e reflorestar mentes: território e vida em ativismos indígenas. In: **E-Compós**. 2025.

GATTO, Y.; ANTUNES, E. Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB): a busca de outra comunicação possível. In: **ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos. Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/articulacao-dos-povos-indigenas-do-brasil-apib-a-busca-de-outra-comunicacao-poss?lang=pt-br> Acesso em: 11 Fev. 2025.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo** - 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAIA, E. J.; GUIMARÃES, L. Coisas, mundos, traduções: dobras para uma comunicação pelo equívoco. **Contracampo**, Niterói, v. 41, n. 3, set./dez. 2022.

OLIVEIRA, L.; FIGUEROA, J.; ALTIVO, B. R. Pensar a comunicação intermundos: fóruns cosmopolíticos e diálogos intepistêmicos. **Galáxia** (São Paulo), p. e47910, 2021.

OLIVEIRA, Thiago Allan Ribeiro de; DEMARCHI, André. O povo Gavião e os primeiros contatos com as Tecnologias da Informação e Comunicação. **Aceno** – Revista de Antropologia do Centro-Oeste, 11 (25): 137-152, janeiro a abril de 2024.